

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
11 de Maio de 2023
CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS
- Antropologia e Etnologia na Animação Portuguesa

PASSEIO DE DOMINGO / 2009

Um filme de José Miguel Ribeiro

Argumento: Virgílio Almeida / *Imagem (cor):* Marijke van Kets / *Música:* Bernardo Devlin / *Montagem:* João Champlon / *Som:* Jeroen Nardop, Ronald Nardop / *Vozes:* Miguel Borges, Daniel Martinho, Carla Galvão, Inês Neves
Produção: Zeppelin Filmes, SOIL, Il Iluster, Folimage / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa, 35 mm / *Duração:* 20 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Coimbra, 21 de Novembro de 2009 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Janeiro de 2016, no âmbito da rubrica “Imagem por Imagem – Cinema de Animação”.

ÁGUA MOLE / 2017

Um filme de Laura Gonçalves e Xá

Criação gráfica e cenários: Laura Gonçalves e Xá / *Música:* Nuno Tricot, Ricardo Santos Rocha / *Som:* Pedro Marinho, Pedro Ribeiro
Produção: Rodrigo Areias para Bando à Parte (Guimarães) / *Cópia:* dcp (suporte original), versão original sem legendas / *Duração:* 9 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 18 de Janeiro de 2019, no âmbito da rubrica “Imagem por Imagem – Cinema de Animação”.

O REFUGIADO / 2012

Um filme de Rui Cardoso

Argumento: Humberto Santana / *Animação:* Carla Guita, Carlos Fernandes, Irina Calado, João Calado, João Morais Ribeiro, Rui Cardoso / *Música:* Hélder Munhão / *Montagem:* Rui Cardoso / *Som:* Paulo Curado
Produção: Animanostira / *Cópia:* digital (suporte original) / *Duração:* 12 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de Junho de 2018, no âmbito da rubrica “Imagem por Imagem – Cinema de Animação”.

MI VIDA EN TUS MANOS / 2009

Um filme de Nuno Beato

Argumento e música: José Dias / *Animação:* Diogo Carvalho, Catarina Rodrigues / *Imagem:* *Montagem:* Diogo Carvalho
Cópia: digital / *Duração:* 8 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:*

AGOURO / 2018

Um filme de David Doutel e Vasco Sá

Argumento: David Doutel, Vasco Sá, Pedro Bastos / *Cenários:* Vasco Sá / *Música:* David Doutel / *Som:* Pedro Marinho (gravação), Thomas Rouvillain (misturas) / *Com as vozes de:* António Durães, Valdemar Santos
Produção: Rodrigo Areias para Bando à Parte (Guimarães), em associação com Le Fresnoy (Tourcoing) / *Cópia:* dcp (suporte original), versão original / *Duração:* 15 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 18 de Janeiro de 2019, no âmbito da rubrica “Imagem por Imagem – Cinema de Animação”.

Sessão seguida de debate com Rui Cardoso, Nuno Beato, Fernando Galrito e do antropólogo Filipe Reis

O cinema de animação português conheceu um período de expansão e afirmação nos anos 90, criando desde então um corpo de obras variado e consistente, com ambição formal, com filmes que demonstram um domínio formal que pode ser mais consistente e convincente do que a de alguns realizadores de cinema de ficção. Pela sua própria natureza lenta e fastidiosa, mesmo na era do computador, a realização de um filme de animação pode levar os seus autores a um maior grau de reflexão formal do que o cinema com atores. Este facto é constatável pela visão dos cinco filmes que compõem este programa e que se prestam ao tema, aparentemente insólito para um programa de animação, que os reúne aqui: a dimensão etnológica e antropológica.

Entre os talentos que surgiram desde aquela fase heróica um dos nomes que se destacou foi o José Miguel Ribeiro, formado em artes plásticas, que completou a sua formação no domínio da animação junto a Abi Feijó, que foi um verdadeiro pilar no domínio do cinema de animação em Portugal. O trabalho de José Miguel Ribeiro é variado, não se fixa numa fórmula visual ou temática e utiliza diversas técnicas: animação de volumes, desenho ou pintura sobre papel, desenho sobre papel “auxiliado” pelo computador, mistura de animação e imagens reais. Ele tanto pode buscar uma narrativa linear como narrar pequenas fábulas, seguir a lógica oblíqua da metamorfose gráfica ou cotejar no mesmo filme tipos e níveis diferentes de ilustração. A destreza da execução e uma clara noção do tempo necessário para a narrativa fazem dos seus filmes objetos coesos e acabados do ponto de vista formal. **Passeio de Domingo** segue uma narrativa linear mais próxima do cinema “normal” do que do de animação, narrativa composta, tanto quanto possível, por pequenos elementos reconhecíveis da vida quotidiana. O filme é exemplo de uma narrativa que também seria possível com imagens reais e por isso é, até certo ponto, uma caricatura benigna da realidade, realizada com humor, muito sentido de pormenor, narrada num ritmo regular e constante. **Água Mole** é situado num Portugal arcaico mas ainda não extinto, tem quase o teor de um documentário, sobre uma aldeia que se esvaziou com a emigração e o envelhecimento, fenómeno que é representado visualmente por uma velha que se agarra para não ser levada pelo vento e uma aldeia que pouco a pouco é submersa. As vozes que ouvimos são autênticas vozes camponesas, hoje quase “exóticas”, não são vozes de bonecos animados, o que dá um pequeno e bem-vindo choque elétrico ao espectador. Produzido pela pioneira Animamostra, fundada em 1991, quando o cinema de animação português estabelecia os seus alicerces, tornando possível pela primeira vez uma certa regularidade na produção, **O Refugiado** mostra que um filme que foi possivelmente uma encomenda, por ocasião do Dia do Refugiado, de modo a chamar a atenção do público para este drama que hoje é particularmente agudo, pode escapar à banalidade formal sem deixar de cumprir o seu “programa”. **Mi Vida en tus Manos** é um daqueles objetos cinematográficos cuja estrutura narrativa tem algo de musical, que, neste filme em cujo centro estão uma criança e um touro, narra sem “contar”, por encadeamento (vacas no campo, um toureiro, uma tourada, a inevitável morte), com o equivalente de *travellings* da direita para a esquerda e a seguir na direção oposta, num movimento que desemboca no espaço circunscrito de uma arena, tudo isto ilustrado por belas imagens sépia que se assemelham a gravuras e nada têm a ver com os cromos multicoloridos da animação industrial. Co-produzido com o prestigioso Estúdio das Artes Contemporâneas Le Fresnoy, **Agouro** é mais um exemplo da animação quase como *ersatz* do cinema com atores, fechando este programa coerente, variado, de alta qualidade e uma total ausência de futilidade.

Antonio Rodrigues